

História e Fundamentos

História da Terapia Holística

A História da Terapia Holística

"Em todo lugar e em todas as épocas, sempre existiram Terapeutas Holísticos"

(paráfrase sobre texto de 1986, do historiador alemão Werner Jaeger, uma das maiores autoridades em História Clássica)

Essa parte das histórias que aplicamos na Terapia Holística são anteriores à própria Humanidade. Os animais utilizavam as plantas para se tratar, muito antes dos primeiros homens surgirem; também já faziam uso da geoterapia, alongamento, artes marciais, relaxamento... É natural pensar que, desde sua origem, os seres humanos herdaram tais conhecimentos instintivos e os aprenderam pela observação.

As enfermidades são mais antigas que o homem. Nosso mais antigo ancestral encontrado com evidências de doenças (no caso, eram problemas ósseos) era um Homo erectus de 800.000 anos atrás.

Dois povos de idade da Pedra (Paleolítico - até 8000 a.C.; Neolítico - de 8000 a 5000 a.C. e Neolítico - de 5000 a 3000 a.C.) eram conhecidos por muitas das mesmas doenças que o homem moderno. Têm boas observações, e deduziram a estrutura e funções básicas de vários órgãos e a ação terapêutica das plantas. Já possuíam uma relativa interpretação holística dos acontecimentos, a eficácia de um membro do grupo, era igualmente um caso para toda a comunidade, que de alguma forma, estaria em desarmonia com o Universo e isso se refletia em um ou mais dos integrantes da tribo. Alguns se destacavam em compreender e lidar com estas questões, surgindo assim, nossos mais antigos colegas de profissão: os Xamãs!

—

O xamã é, antes de tudo, o porta-voz crucial de seu povo. É ele o iniciado nos mistérios da natureza, nos segredos dos ciclos de vida e morte, nos fenômenos mágicos ou climáticos que podem ameaçar sua comunidade. Profundando um papel de agente equalizador de forças, mediante sua cumplicidade com a natureza, o xamã detém a sabedoria de interpretar os seus desejos e escutar os seus apelos a fim de contrapor às vicissitudes e às intempéries da vida sua tribo e possui a capacidade de renaturalizar a ordem cósmica, garantindo assim a permanência de sua gente ao longo das gerações.

O xamã opera sempre atento aos sinais que possam ser lidos à sua volta, ele ouve as pulsações da terra, compreende o caráter dos ventos e tempestades, entende o que lhe dizem os animais, extrai conhecimentos de plantas sagradas, vale-se das propriedades medicinais dos reinos mineral, vegetal e animal que o cerca, e prevê em razão de eventos observados a tendência das ocorrências vindouras.

O Universo xamânico, podemos afirmar, é sincrônico: trata-se de uma relação de causa e efeito a que o mundo ocidental, fruto da ciência moderna, acabou-se a viver nos últimos três séculos de história, o modo de viver xamânico privilegia as sincronicidades. Tal termo, no sentido que Thele Jung (1875-1961), diz respeito ao fenômeno de coincidirem no tempo dois ou mais eventos objetivos, claramente perceptíveis na realidade exterior, sem relação causal entre si mesmos, mas que, simultaneamente, são compatíveis com algum estado psíquico fortemente emocional, o que permite ao xamã perceber tal correspondência, abstrair dela algum significado íntimo e evidente, capaz até mesmo de solucionar seus problemas cotidianos, sendo que tal entendimento se faz por via dos sonhos.

—

O xamã é aquele que atua em seu contexto cultural uma tendência íntima de expressão humana, que consiste em criar símbolos e transformá-los inconscientemente a significação de objetos, seres vivos ou eventos naturais, de modo a conferir-lhes uma importância psicológica mais profunda (ou mesmo sagrada), para daí fazer uma leitura sincrônica dos fenômenos todos que se agrupam.

—

Os textos acima foram obtidos em: www.holopedia.com.br

A imagem que ilustra esta matéria, talvez seja a mais antiga a retratar um ancestral de nossa profissão, ou seja, um Terapeuta Holístico que atuava entre 15.000 a 10.000 a.C. A figura foi pintada na caverna-templo de Trois-Frères, sul da França, onde um indivíduo, com corpo de cavalo, patas de urso e chifres de veados está dançando. No mesmo local, também foi encontrada outra imagem de um homem vestindo pele de animal e tocando flauta.

Nas mais variadas culturas, o consenso era a de que o equilíbrio seria o estado natural e as desarmonias decorriam por desagrado aos deuses, às forças da natureza, ao Universo. Toda enfermidade teria uma mensagem a ser compreendida, cuja importância ia além do indivíduo, sendo comum a participação de toda a comunidade no tratamento.

O xamã xamânico atua como integrante do contexto das forças universais, compreendendo tudo como profundamente interconectado, penetrando nos mistérios do céu, nos ventos, na natureza, nos sonhos, enfim, buscando por "sincronicidades" ou "mistérios", cuja leitura lhe transmite o caminho da terapia. Via de regra, os xamãs eram pessoas que se recuperaram de grandes dores, traumas e situações de quase-morte, o que, inspirou admiração e, em breve, implicava que teriam intimidade e conhecimento maior junto as forças do universo. Este respeito adquirido destacava-o perante a comunidade, gerando o natural desejo de perpetuar esta "sabedoria" e que estimulo para que registrassem suas experiências, para poder transmitir seus conhecimentos aos sucessores, comumente, seus próprios descendentes. Os rituais, por canções, histórias e lendas, muito dessa sabedoria era perpetuada e transmitida de geração a geração.

A História, associada a energias e catenas indissociáveis pelo canto e dança, eram poderosos instrumentos terapêuticos conduzidos coletivamente pelo sacerdote. Ao atribuírem nomes significativos às plantas, vincular-lhes várias histórias e se sacramentarem para doenças específicas, de forma didática e lúdica, garantiam que suas utilizações seriam difundidas pelas gerações seguintes. Muitas vezes, somente as "iniciações" iniciadas nas lendas, histórias, cantigas...

História e Fundamentos

O crescimento de grandes civilizações propiciou o advento da escrita, acrescentando mais um instrumento de perpetuação do conhecimento terapêutico e, ao mesmo tempo, de elevação - já que a leitura e a escrita eram privilégios para poucos. No período de 2o milênio a.C., a história "ocidentalizada" registra o surgimento das primeiras escolas no Egito e na Mesopotâmia, com a elaboração de tratados e códigos de conduta, muitos dos quais chegaram até nossos dias. A terapêutica era associada ao tempo, continuando atribuição do sacerdote, já que as desmormentas de cada um resultavam de sua inadequação perante os deuses do universo, representados pelas divindades.

Na antiga civilização Grega, as obras de Homero (750 a.C.) divinavam a terapêutica, atribuindo-a aos deuses e heróis mitológicos. Haviam os templos destinados à terapêutica, muitas vezes sem a intervenção dos sacerdotes, com o povo recando diretamente às divindades. A Grécia, em meados do século V a.C., começa a sistematizar a terapêutica, por meio dos filósofos pré-socráticos, culminando em Hipócrates, cuja teoria pregavam a abordagem holística, mas cuja prática estabeleceu a separação da terapia dos demais ramos do conhecimento, dando nascimento ao que hoje se chama medicina. Além da afiliação das escolas, observa-se o início da tendência a interpretar o binômio saúde/doença como elemento isolado do universo à sua volta. O sacerdotismo começa a romper com a terapêutica, surgindo da primórdios da figura do médico atual e da abordagem "científica", ruptura esta que culmina com Galeno, grego que atuava em Roma, em meados de 164 a.C., talvez sendo o primeiro "holista", já que estabeleceu "Spensque" como sendo de natureza orgânica, e o estudo do corpo pelo "desmembramento de seus componentes". Por esta perspectiva também se desenvolveu a justificativa para que surgiram diversas especialidades médicas, para fazer frente ao crescente número de "Spensque" que passaram a ser identificadas e definidas suas formas de diagnóstico e procedimentos.

Referindo-se a Galeno e suas consequências:

—

Entorpecido de tal forma a complexidade das doenças que justifico o surgimento das diferentes especialidades médicas, nas quais o médico aprofunda seu conhecimento em determinado órgão ou sistema orgânico, quase sempre relegando a segundo plano a abordagem do ser como um todo. Não é, o médico especialista um conhecimento vertical profundo e horizontal limitado. (Atribui-se a A. Einstein a observação de que o especialista sabe quase tudo de quase nada, numa crítica veemente ao fragmentismo).

O método analítico cartesiano, inquestionavelmente, foi um dos pilares da fantástica evolução do mundo moderno. No entanto, é igualmente inegável que contribuiu para o descaio dos sentimentos íntimos do ser humano, em virtude da ênfase na abordagem mecanicista. Serviu, por exemplo, para criar confusão entre riqueza material e felicidade individual - e isto explica, em parte, os desequilíbrios sociais (que são bem conhecidos) e a destruição sistemática do nosso ecossistema, e qual, realizada em nome do progresso, ameaça a existência da vida na terra, inclusive a humana.

Ditas observações levam a uma constatação paradoxal: a ciência, apesar de seu desenvolvimento fantástico nos últimos 150 anos e criada para oferecer ao homem conforto, paz e felicidade, não foi capaz de fazer o homem descobrir a paz, a felicidade e, principalmente, o amor! Ao contrário, despejou um mundo dominado pelo egoísmo, crueldade, miséria, fome, opressão, guerra, destruição indiscriminada da natureza e descaio pelos verdadeiros valores do ser. O conhecimento, tal como é hoje, suffice a sabedoria e se empoeira desvanecendo a ela.

—

Os trechos acima foram extraídos de www.holopedia.com.br/medicina/medicina.htm trechos selecionados da palestra HOLISMO E MEDICINA, de Hélio Teixeira, Professor Titular e Livre Docente do Departamento de Clínica Médica - Universidade Federal de Uberlândia

Paralelamente a esta "movimento separatista elitizado", continuava a tradição xamânica que mantinha a terapêutica como indissociável do autoconhecimento. Pesteante observamos que as escolas médicas, elitistas por natureza, eram exclusivas para os letrados abastados e ao gênero masculino; já as tradições xamânicas, diretamente vinculadas à natureza, à espiritualidade, à intuição, à vocação, eram comparativamente mais democráticas, acessíveis a homens e mulheres, mesmo que originados da base da pirâmide social.

Na Idade Média, apesar das grandes transformações desencadeadas pelas invasões bárbaras e pela difusão do Cristianismo e humanismo, mantiveram-se Hipócrates e Galeno como paradigmas incontestáveis, com sua abordagem "científica" e separatista. A Igreja Católica estabeleceu-se pela força como proprietária da verdade divina e seus sacerdotes já não atribuíam mais a si o papel de terapeutas, na verdade, cada vez mais em oposição ao estabelecimento do poder. Da fé e da medicina, por esta altura a ciência, cuja importância frequentemente se desvirtuava com a interpretação e até a existência em si, dos dogmas da fé. O povo, por sua vez, permeia a insensibilidade elitista dos médicos e o "conceito espartano" da Igreja, tinham que encontrar outros caminhos para tratar suas doenças, cabendo-lhes recorrer aos que ainda mantinham as tradições terapêuticas, agora realizadas de forma oculta, para contornar as restrições da Igreja e das escolas médicas, cujo protagonismo era exclusivo dos homens. Substituída a fé no registro plano na sociedade, a mulher volta em íntima relação com a natureza, da qual busca as propriedades terapêuticas, além de aprender para transmissão oral entre as gerações. Terapeutas da laboriosa Itália, em Veneza não se submetem nem à Igreja, com seu Deus e muitas gozam de grande prestígio para eficácia de seus tratamentos e conhecimentos. Acusados de satanismo por um lado, e de viver de rendimentos ilíquidos pelo outro, isso não adianta sua aceitação pelo povo, que encontra respostas para suas questões físicas, emocionais e espirituais na terapia das Felicias.

—

Dividiu-se habilmente o reino de Satã: contra sua filha, sua esposa, a feiticeira, se armou seu filho, a medicina. A Igreja, que odiava profundamente aos médicos, lhe deixou fundar o monopólio de sua arte com a extensão da Medicina, declarando no séc. XIV que, se a mulher osuar tocar, sem ter estudado, será considerada feiticeira e deve morrer:

—

Texto extraído do livro A Feiticeira, do historiador Jules Michelet

Como as mulheres eram proibidas nas escolas médicas, resulta daí que todas as que ofereciam terapia, eram condenadas às fogueiras da Inquisição... Felizmente, nem todo o fogo da Igreja foi suficiente para queimar a sabedoria milenar, que gradativamente vem sendo resgatada e revalorizada em nossos tempos.

Já com o Renascimento, no auge da Modernidade, muitos dos postulados clássicos começaram a ser revisitos, sendo que até mesmo a medicina passou a se definir como uma ciência essencialmente humanística. Até mesmo o humanismo, que estabeleceu as bases do método científico contemporâneo, ainda admitiu que a medicina fosse tanto ciência, quanto arte, visão romântica que perdurou até a metade do século XIX, pois na sequência, com o desenvolvimento da microbiologia, da patologia, dos exames laboratoriais e da indústria farmacêutica, a medicina tendeu a abandonar a sua visão humanística e passou a pensar como ciência "exata"...

História e Fundamentos

De fato, todo esse processo de supervalorização das ciências biológicas, da super-especialização e das metas tecnológicas que acompanham o desenvolvimento da medicina nos últimos décadas trouxe como consequência mais visível, a "documentação" do médico. Um sujeito que foi se transformando cada vez mais em um técnico, um especialista, profundo conhecedor de exames complexos, precisos e especializados, porém, em muitos casos, ignorante das questões humanas presentes no paciente que assiste. E isso, não apenas por força das exigências de uma formação cada vez mais especializada, mas também em função das transformações nas condições sociais de trabalho que tenderam a priorizar o médico, restringindo barbaramente a disponibilidade deste para o contato com o paciente, assim como para a reflexão e a formação mais abrangente.

Esses dilemas éticos de relação, entretanto, não apenas uma parte —importanteíssima, sem dúvida, porém não exclusiva— da questão.

A desumanização da medicina deve ser encarada não apenas do ponto de vista ético, de relação entre médico e paciente, mas também do ponto de vista epidemiológico.

Será que, efetivamente, nas circunstâncias atuais, as ciências humanas — a história, a filosofia, a literatura e a psicologia — não têm mais nada a dizer no campo do diagnóstico e do tratamento médico?

Texto extraído de "A (re)humanização da medicina", de autoria de Dante MC Gallan, do Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde da Unifesp - EPM

Com a evolução da sociedade, cada vez mais consciente e democrática, o questionamento aos valores estabelecidos fez surgir, em pleno século XXI, uma revolução silenciosa, pacífica, sem lideranças pré-definidas, que eclodiu espontaneamente em várias partes do globo: a chamada "Revolução Aquariana". Movimentos "hippies", de contra-cultura, de reavaliação das tradições, fez com que as religiões, santos, sacerdotais, herdeiros das artes terapêuticas antigas, ressurgissem das cinzas da Inquisição e, à luz do dia, voltassem a exercer seus ofícios.

Nos últimos séculos, a sociedade havia saído de uma situação religiosa, onde um grupo de sacerdotes de elite discerniam o que era ou não verdade, de acordo com suas interpretações pessoais das leis divinas, emergindo para uma situação "científica", onde um grupo de cientistas de elite discerniam o que é ou não verdade, de acordo com suas interpretações pessoais das leis do universo... Nesta nova ordem, a medicina continua no poder, aliada íntima da ciência, detida de grande prestígio, à luz do ponto de ver-se ao lado de disciplinas de seus domínios certas técnicas que consideravam menos éticas, permitindo a existência de psicólogos para cuidar da psique, dos fonoaudiólogos para a diction e enfermeiros para o cuidado diário. As técnicas milenares, então, lhes pareciam indignas de sua nobre atenção, já que em nada se enquadravam dentro dos dignos científicos. Supunham que a sociedade, cada vez mais esclarecida, descuraria as terapêuticas milenares. Contudo, assim como na Saúde Médica, estas técnicas passaram a ser mais e mais procuradas. Se antes era por total falta de opção, nos tempos modernos a procura se dá por livre escolha.

Tão incomodados quanto a Igreja medieval, porém, sem poder lançar mão dos recursos das fogueiras, a elite atual fez uso de novo poder de fogo: a criação e interpretação distorcida das leis humanas... Assim, os tribunais da Inquisição, com suas fogueiras; agora, os juízos civis e criminais, com suas prisões e multas. Temos que admitir que alguma coisa melhorou...

Novamente parangado, os herdeiros das tradições terapêuticas se criam na necessidade de misturar para sobreviver. Testam-se as expressões, vestem e guardam a semelhança de seus predecessores, numa tentativa de aceitação. Revisitaram suas técnicas, adaptando-as aquilo que lhes parecia ser mais "científico". Com isso, ao invés de garantir seus espaços, acabou por surgir efeito contrário: os antigos, que tanto criticavam as técnicas, agora que as mesmas lhes foram apresentadas "traduzidas" para seu linguajar, passaram a desajá-las para si... E como HOMÓPOLOS!

No arado do século XX, iniciando o XXI, os parangados se deram conta que estavam mais demais, pois estavam perdendo justamente aquilo que lhes era o **DIFERENCIAL**, constatarem, abditos, que tanto cediam aos poderes dominantes, que estavam perdendo sua **IDENTIDADE**!

Em nova revolução silenciosa, se reorganizaram para resgatar sua herança, sua tradição e o orgulho de ser o que são. Revisitaram as técnicas ancestrais, sem desprezar o que a modernidade acrescentou de bom... Sem revarchismo, floweram-se pazes com o Estado, dando a César o que é de César, e reverenciaram a medicina, como uma irmã nascida do mesmo berço e com a qual devem se reconhecer e viver em paz.

Resgatando o milenar e abraçando o novo, contudo, sem jamais voltar a abrir mão da verdadeira identidade: sejam **TERAPEUTAS HOLÍSTICOS** sim, orgulhosamente herdeiros assumidos das terapias milenares de **psique**.

ID de solução único: #1199
Autor: : SINTE SINDICATO DOS TERAPEUTAS
Última atualização: 2007-08-24 13:14